

## **Empregadas domésticas, identidade e imagem: uma etnografia no Sindicato de Trabalhadores Domésticos de Pelotas.**

CANDIOTA, Helena dos Santos <sup>1</sup>. UFPEL. ISP.

VERGARA, Daniel Luis Moura<sup>1</sup>.  
MAGNI, Claudia Turra <sup>2</sup>. UFPEL. ICH.  
E-mail: helena.candiota@hotmail.com

### **1 INTRODUÇÃO**

Este ensaio etnográfico teve como objetivo investigar a identidade social e representações coletivas de empregadas domésticas que trabalham em casas de famílias pelotenses, considerando a sua desvalorização social a partir de suas experiências pessoais, enquanto trabalhadoras e enquanto mulheres.

A pesquisa levou em consideração a desvalorização social destas mulheres trabalhadoras domésticas em casas de família pelotenses.

O emprego doméstico abrange os dois gêneros - masculino e feminino - porém este último tem maior expressividade. As domésticas pelotenses no seu discurso costumam usar o plural feminino. A pesquisa dá ênfase às mulheres que são maioria no sindicato. São raras as presenças de homens. Para discussão de gênero, usa-se a literatura de Guacira Louro (1997).

As atividades destas mulheres nas casas de família envolvem passar de pano nos móveis, lavar de roupa, limpar a casa. O espaço reservado a elas é sempre sendo a cozinha e área de serviço das casas das patroas.

Percebendo que a identidade é uma construção social e relacional, busca-se ressaltar a ambigüidade existente entre estas mulheres e seus empregadores. Por um lado, as relações afetivas são ainda marcadas pela proximidade e por outro lado, as relações trabalhistas caracterizadas pela herança escravista de nossa sociedade. Dessa ambigüidade, resultaria a dificuldade de politização dessas mulheres, frustrando, assim as expectativas do seu sindicato. O conceito de identidade baseou-se em autores Stuart Hall (1999) e Manuel Castells (2006).

A pesquisa foi desenvolvida como monografia no curso de Ciências Sociais (UFPEL).

### **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

O trabalho foi realizado entre julho de 2009 e maio de 2010 no Sindicato de Trabalhadores Domésticos de Pelotas, localizado na Rua Santa cruz, nº 2454. Neste período, foi freqüentado este local duas vezes por semana bem como participou-se de reuniões e viagens do grupo.

A pesquisa baseou-se em métodos qualitativos, como observação participante, entrevistas e grupo focal.

---

<sup>1</sup> Graduada e graduando, respectivamente, *do curso de graduação em Ciências Sociais – ISP/UFPeL*.

<sup>2</sup> Orientadora Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Claudia Turra Magni – ICH/UFPeL

A pesquisa com enfoque qualitativo envolve poucos sujeitos, mas ganha em profundidade (Victoria, Knauth, Hassen, 2000). qualitativo envolve poucos. A observação participante como registro de dados se fez necessária durante toda a pesquisa. Esta técnica contempla anotações sobre o ambiente, a linguagem e o comportamento dos sujeitos e etc. Já a entrevista aprofundou o relato das experiências pessoais de cada sujeito entrevistado. O grupo focal, por sua vez, foi também realizado com o objetivo de análise de recepção fílmica sobre esta categoria profissional. A partir do filme apresentado *Domésticas – o filme* dirigido por Fernando Meirelles (2001). Todas estas técnicas contribuíram para análise deste universo de pesquisa.

O uso da imagem audiovisual na área das Ciências Sociais é de fundamental importância, pois é um campo rico de informações. Nesta pesquisa foi utilizado o grupo focal. (BARBOSA E CUNHA: 2006).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Barbosa e Cunha (2006), o uso da imagem para a análise antropológica permite perceber as visões de mundo dos sujeitos e as teias de significados amarradas a eles. O trabalho antropológico lida com diversos olhares: “o do autor das imagens, o dos sujeitos da imagem e o do próprio pesquisador” (BARBOSA E CUNHA, 2006:54). Por este fato, a imagem é um terreno fértil de análise antropológica. “trabalhar com filmes exige saber que se está trabalhando com a representação de um imaginário cotidianamente recriado e em movimento” (BARBOSA E CUNHA, 2006:55). Para os autores, o filme faz parte da realidade social contemporânea e seria errôneo pensar o filme como simples reflexo da sociedade, mas sim como um elemento cultural, através do qual o espectador ressignifica o que está lhe sendo apresentando. É nessa perspectiva que trouxe o grupo focal como método de pesquisa que propõe perceber esta ressignificação através da comunicação verbal e não-verbal percebidas por mim.

A recepção fílmica ocorreu na sede do sindicato, participaram quatro associadas. Conceição, Ernestina, Joana e Lucia<sup>3</sup> não permaneceram até o final do filme, porém suas percepções foram complementares ao material empírico produzido através de entrevistas e diário de campo.

Percebeu-se no discurso das empregadas domésticas pelotenses quando se referem a sua profissão que estas não utilizam o gênero masculino. Isto é reflexo da construção da sociedade, que associa o serviço doméstico ao gênero feminino. De fato, elas parecem não reconhecer o lado masculino do serviço doméstico. Os homens que se fizeram presentes no sindicato, também não se declaram empregados domésticos, mas sim “caseiros” “prestadores de todo tipo de serviço.” A historiadora Guacira Louro (1997:21) diz que “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar, não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”. O serviço doméstico pressupõe uma naturalização de serviço para a mulher na sociedade brasileira, o que fica claro em seus discursos.

O sentimento de insatisfação pela sua profissão ocorre tanto entre as domésticas jovens (de 20 a 30 anos) quanto entre as mais velhas, que sofrem

---

<sup>3</sup> Nomes fictícios.

com a estigmatização social sobre elas, o que atualiza a afirmação de Stuart Hall entende como identidade “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginávamos ser vistos por outros” (HALL, 2000:39).

No discurso das empregadas domésticas, encontramos a identidade coletiva marcada pela suas experiências pessoais e sociais. O resgate do passado histórico ajuda a pensar a desvalorização da doméstica pela sociedade e pela sua própria consciência. E também a naturalização do trabalho doméstico enquanto atividade feminina. A palavra “escrava” esteve muito presente na fala das informantes como também das personagens do filme:

*“A minha bisavó foi escrava, a minha vó foi doméstica, a minha mãe quando eu nasci ela disse que preferia me ver morta a empregada doméstica, eu sou doméstica”.*(personagem Cléo).

A partir desta permiti-se pensar com Castells que:

“A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 2006: 23).

De acordo com Castells (2006) a identidade de resistência é uma característica dos atores sociais que são desvalorizados pela sociedade.

#### **4 CONCLUSÕES**

Nesta ocupação, o gênero feminino predomina, embora não se possa desconsiderar a presença masculina. A invisibilidade de direitos sociais desta categoria está vinculada à naturalização do trabalho doméstico associada à mulher, assim como, à história da escravidão.

Através da recepção do filme apresentado ao grupo focal, percebeu-se formas de representação do real. O uso da linguagem cinematográfica contribuiu para análise e recorte dos aspectos que caracterizam o emprego doméstico. A partir da perspectiva do realizador, este filme brasileiro apresenta características do universo do trabalho doméstico nessa sociedade. Como toda representação, ele retira certos elementos da realidade, para organizá-los num novo arranjo, excluindo uns, marginalizando outros.

Identificou-se um descompasso entre os objetivos dessas domésticas, ao procurarem o sindicato por razões trabalhistas pontuais e descontínuas, e o projeto sindical de conscientização política dessas mulheres, que se vê barrado pelo interesse limitado das associadas a questões que pouco contribuem para o fortalecimento de uma coesão identitária desta categoria profissional.

#### **5 REFERÊNCIAS**

BARBOSA, Andréia e CUNHA, Edgar T. *Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. Coleção Passo a Passo. 2006. p. 48 – 61.

CASTELLS, Manuel. A construção da identidade. In: CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação: a economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2006.p. 22-28.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A. 3° edição. 1999.

VICTORIA, KNAUTH, HASSEN. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. POA. Tomo. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1997.

MEIRELLES, Fernando; OLIVAL, Nando; RIBEIRO, Andréa Barata. *Domésticas – o filme*. [Filme-Vídeo]. Direção: Fernando Meirelles e Nando Olival. Produção: Andréa Barata Ribeiro. São Paulo: 02 Filmes. 2001. Filme/DVD. (85 min).